

**SOLO SAGRADO**

Em meados da década de 1980, fiz o mestrado em São Carlos. O então departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP ficava num pequeno e simpático prédio logo à entrada do campus, demolido quando foi construído um edifício maior para comportar os cursos de graduação e de pós. Não éramos muitos alunos e algumas disciplinas eram ministradas por professores paulistanos da FAU USP, o processo de contratação de novos professores estava em andamento para dar conta das novas atividades exigidas pela implantação do curso de graduação. Sob orientação da professora Ermínia Maricato, uma das disciplinas que escolhi fazer foi “Arquitetura e Construção” com o professor Sylvio Barros Sawaya, também da FAU USP. As aulas eram às sextas a tarde, acho que ele aceitou viajar para São Carlos porque sua irmã Tuxa vivia lá e podia visitá-la. O fato é que o Sylvio tinha altas discussões com nosso então colega de classe Luiz Falcoski sobre as teorias projetuais na arquitetura e as questões construtivas. Lembro vagamente que ele trouxe outro professor de sobrenome Heck que nos apresentou a obra de Piranesi, importante autor italiano do século XVIII. Após a disciplina, nunca mais encontrei o professor Sawaya, só acompanhei a distância sua carreira, até que no início dos anos 2000 vi as fotos numa revista de um projeto seu e de Elsa Siefer elaborado na década de 1990, um templo religioso conhecido como Solo Sagrado da Igreja Messiânica Mundial às margens da represa de Guarapiranga em São Paulo.

Fiquei intrigado com a beleza e a grandiosidade da obra e coloquei em minha célebre planilha de viagem que algum dia iria visitar, mas isso foi sendo adiado sempre por conta da enorme distância e dificuldade de locomoção dentro da cidade de São Paulo, difícil chegar lá em transporte público. Até descobrir que a paulistana Laurita, companheira do Paulinho Vilhena, amigo desde os tempos do colegial em Franca e parceiro em inúmeros encontros festivos em São Paulo de nossa turma do IETC, era prima do Sylvio. Combinamos de um dia fazer a visita e conhecer o projeto. Calhou de ser em 2025.

Fica longe mesmo, uma hora e meia de carro saindo da avenida Paulista. Implantado em uma área de 30 hectares de matas, o local é um modelo de preservação ambiental que alia a beleza natural à das edificações, entre caminhos sinuosos e jardins projetados com rara maestria, seguindo os modelos desenvolvidos no Japão pelo criador da Igreja Messiânica Mokiti Okada, chamado Meishu-Sama (Senhor da Luz). Sua filosofia tem o objetivo de cultivar o espiritualismo e o altruísmo, que inclui a prática do Johrei (uma espécie de energia espiritual), o desenvolvimento da agricultura natural e a promoção do belo através da arte.

A entrada do parque do Solo Sagrado se dá por uma grande escadaria e uma rua sinuosa que leva aos diversos espaços do local, secundada por um paisagismo impecável com árvores, plantas, flores em arranjos coloridos e pisos trabalhados, incrível o detalhamento de cada local. Antes de chegar à esplanada do templo passa-se por uma espécie de túnel arbóreo com espelhos d'água e pequenas cachoeiras, que promove uma experiência sensorial incrível pelas cores, luzes, sombras, sons e formas a que somos submetidos ao caminhar.

A implantação do templo no terreno com uma torre de 71 metros e um espetacular anel sustentado por 16 pilares de 18 metros de altura lembra de alguma forma o sítio de Stonehenge, só que envolvido pela mata e pela visão majestosa das águas da represa e de seu horizonte. A céu aberto, com bancos sem encosto, o templo é ao mesmo tempo sofisticado e modesto. Dali, seguimos a visita por diversos espaços onde encontramos um jardim sensorial, plantações, lago de carpas, restaurante, alojamentos dos fiéis que fazem imersões de dias ou meses no lugar, apartando-se do mundo. Há também um centro cultural com exposição da vida de Mokiti Okada e sobre sua filosofia de vida, assim como espaços para conagração das pessoas.

O projeto de Sawaya para o lugar, além de respeitoso com a natureza e integrado à paisagem, também invoca o divino, como as grandes catedrais do passado. Um espaço que integra arquitetura e paisagem, mostrando a potência e a beleza que a arquitetura pode proporcionar para a vida das pessoas. De quebra, para lembrar sem melancolia um mestre do meu passado. Quem puder, deveria conhecer, vale a pena.

Mauro Ferreira é arquiteto